



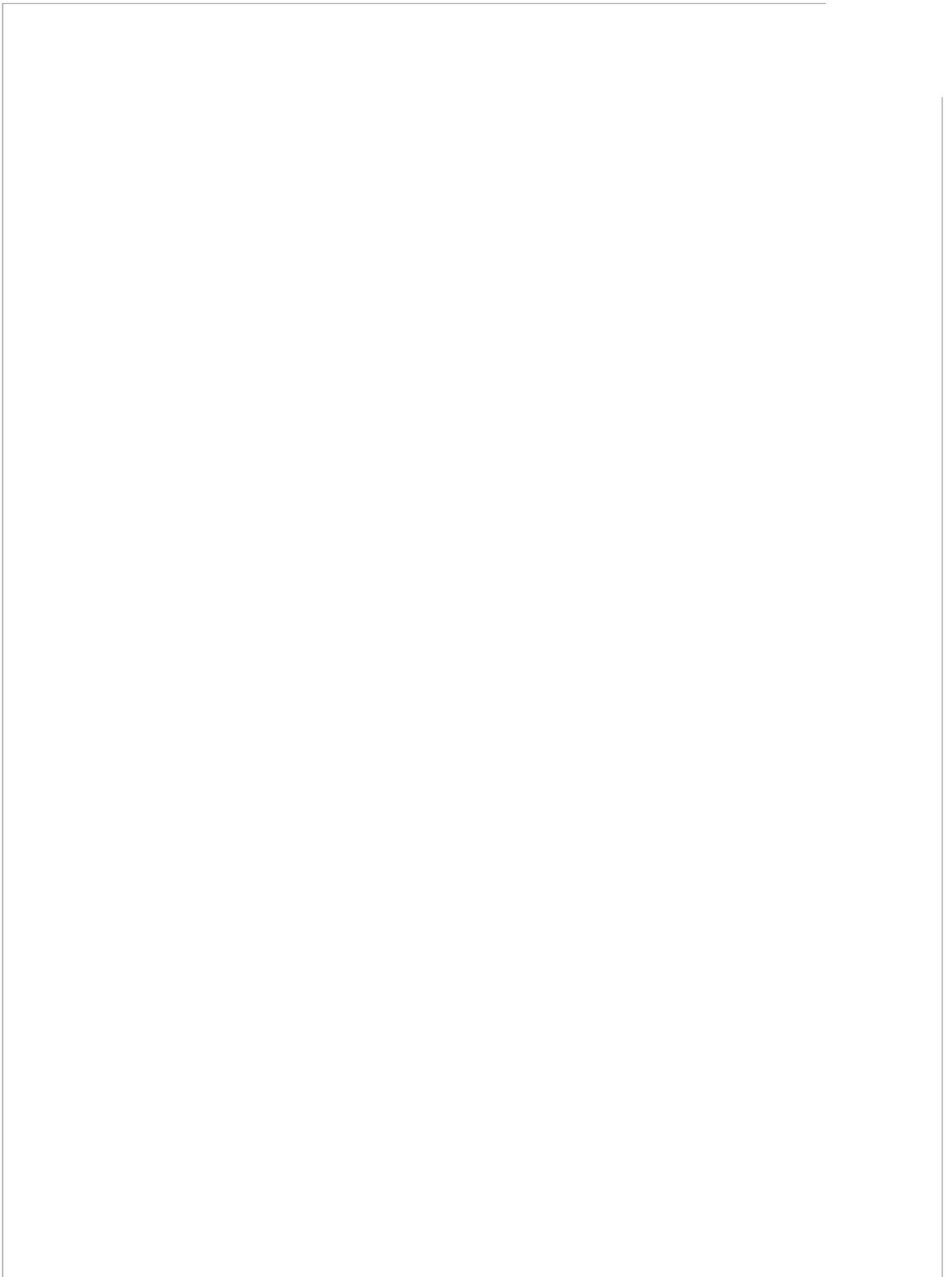
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
CURSO DE ARQUEOLOGIA E GESTÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

**PROCESSO DE ASSENTAMENTO NO DELTA DO ZAMBEZE NA ESTAÇÃO
ARQUEOLÓGICA DE LUMBI: ESTUDO DE USO E RENOVAÇÃO DE RECURSOS.**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural da Universidade Eduardo Mondlane

Kátia Alberto Macule

Maputo, 2021.



ÍNDICE

DECLARAÇÃO.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
INDICE DE TABELAS E FIGURAS.....	iv
LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	v
RESUMO.....	vi
CAPÍTULO I- INTRODUÇÃO.....	1
Formulação do problema.....	2
Objectivos.....	3
Geral.....	3
Específicos.....	3
Justificativa.....	3
Hipóteses.....	4
Metodologia.....	5
Enquadramento Conceptual.....	5
CAPÍTULO II- REVISÃO DA LITERATURA.....	8
Período colonial.....	8
Período pós-colonial.....	9
Trabalhos arqueológicos na estação de Lumbi.....	10
Escavação.....	11
CAPÍTULO III. A MIGRAÇÃO E FIXAÇÃO DAS COMUNIDADES FALANTES DE LÍNGUAS BANTU NA ÁFRICA AUSTRAL.....	12
Breves notas sobre a IFI na África Austral.....	13
Correntes Migratórias das Comunidades Falantes de Línguas Bantu.....	13
Corrente Oriental.....	14
Corrente Ocidental.....	14
Corrente A.....	14
Corrente B.....	15
Corrente C.....	15
Teoria do Sul.....	15
Sociedade de Caçadores e Recolectores.....	17
Comunidades de Agricultores e Pastores.....	17

CAPÍTULO IV. CARACTERIZAÇÃO DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE LUMBI.	19
Localização Geográfica.....	19
Caracterização Geomorfológica.....	20
Vegetação.....	20
CAPÍTULO V. DESCRIÇÃO DE ALGUMAS TRADIÇÕES CERÂMICAS DO I MILÉNIO A.D. (TRADIÇÃO MATOLA E TRADIÇÃO GOKOMERE-ZIWA).....	21
Tradição Matola.....	21
Características da Tradição Matola.....	21
Ocorrências da Tradição Matola.....	21
Estação arqueológica da Matola.....	22
Estação arqueológica de Malessane (Gorué).....	24
Tradição Gokomere-Ziwa.....	25
Características da cerâmica da Tradição Gokomere-Ziwa.....	25
Ocorrências da Tradição Gokomere-Ziwa.....	26
Estação arqueológica de Mavita.....	26
Estação arqueológica de Hola-Hola.....	27
Homogeneidade da Decoração da Cerâmica das Tradições Matola e Gokomere-Ziwa baseando-se nas zonagens ecológicas.....	27
Conclusão.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS.....	38
Motivos decorativos das tradições cerâmicas.....	38

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau e que a mesma constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicada, no texto, a bibliografia e fontes que consultei para a sua materialização.

Kátia Alberto Macule

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, especialmente ao meu pai Alberto Abel Macule, a minha irmã Sara Macule, a minha amiga e colega Victória Frei Ambrósio (em memória), a minha mãe Elisa Raimundo Ngovene, a minha filha Ashley Ambrósio Mauro e aos meus irmãos: Raimundo Ngovene, Leonel Macule, Rafael Macule, Óscar Macule, Hélio Macule.

AGRADECIMENTOS

A **DEUS** da minha vida: “Todo meu louvor e gratidão

Em primeiro lugar vai o meu obrigado mais que especial ao meu supervisor Prof. Doutor Hilário Madiquida pelo seu empenho, dedicação, paciência e compreensão necessária para trabalhar comigo, agradeço também pelos ensinamentos concedidos ao longo da minha formação. Ao corpo docente do Departamento de Arqueologia e Antropologia, particularmente a Secção de Arqueologia, Prof.º Dr. Leonardo Adamowicz, Dr. Ricardo Teixeira Duarte, Dr. Décio Muianga, Dr. Hamilton Matsimbe, Dr. Omar Madime, Dr. Mussa Raja, Dr. Albino Jopela, dr. Celso Simbine, dr. Cezar Mahumane, a Dra. Kátia Filipe, Dra. Marta Langa, Prof.ª Dra Solange Macamo, pela partilha das suas histórias e ensinamentos e também pela forma incansável e paciente, despertaram em mim o gosto pela investigação arqueológica.

Aos docentes dos demais departamentos e secções: Alexandre Mate, Aguiar Baquete, António Manso, José Getimane, Jossias Humbane, Sérgio Malo, Serafim Alberto e Margarida Paulo.

Agradeço igualmente a minha família, em especial a minha filha Ashley Ambrósio Mauro, pela compreensão e paciência, a minha mãe Elisa Raimundo Ngovene aos meus irmãos: Raimundo Ngovene, Leonel Macule, Rafael Macule, Óscar Macule, Hélio Macule e Sara Macule. De igual modo digo o meu muito obrigado aos meus Avôs Raimundo Ngovene e Adelaide Mbulo, os meus tios Betuel Abel Macule e Amélia Come, os meus primos Bento Macule, Amélia Macule, Raimundo Ngovene, Abel Macule.

Também quero deixar ficar os meus agradecimentos aos meus colegas de turma de Arqueologia 2015, Flora Tonela, Amélia Macôa, Janete Matusse, Pedro Moiane, Higino Mucussete, Anlauy Momade, Joana Marta, Beatriz Messias, Alquira Manhique, Hámido Atuíá, Ernesto Júnior, Rassina Farassi, Varsil Cossa, Vitalina Jairosse. Aos meus amigos: Victória Ambrósio (em memória) Marta Cossa, Laurinda Mutimucuo, Sheila Machava, Clara Penicela, Tânia Bernardo, Alda Homo, Luisa Cumbe, Yolanda Mauro, Ambrósio Mauro.

Á todos aqueles que de maneira directa ou indirecta contribuíram para a minha formação.

Muito obrigado!

INDICE DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 3.1: Periodização da Idade da Pedra (Lombard et al 2012) ----- 17

Tabela 3.2. Periodização da Idade Do Ferro (Macamo 2013) -----	18
Tabela 7.1. Cerâmica da estação arqueológica de Lumbi, disponível no Espólio do Laboratório do DAA/UEM -----	29
Tabela 7.2. Cerâmica da estação arqueológica de Hola-Hola, disponível no Espólio do Laboratório do DAA/UEM -----	30
Tabela 7.3. Cerâmica da estação arqueológica de Matola, disponível no Espólio do Laboratório do DAA/UEM -----	31
Tabela 1: Motivos decorativos da Tradição Gokomere-Ziwa (Vogel 1978) -----	37
Tabela 2: Motivos decorativos da Tradição Matola (Morais 1988) -----	37
Figura 2.1. Cerâmica da estação arqueológica de Lumbi -----	12
Figure 3.1. Correntes de Migração Bantu na IFI (adaptado de Huffman 1989: 76) --	15
Figure 4.1. Localização geográfica da estação arqueológica de Lumbi (Madiquida 2015: 91) -----	18
Figure 5.1. Localização geográfica da estação da Matola -----	21
Figure 5.2. Cerâmica da estação arqueológica da Matola -----	22
Figure 5.3. Olaria da estação de Malessane com decoração por incisão e impressão (Rodrigues 2006: 427) -----	24
Figure 6.1. Localização geográfica da estação arqueológica de Mavita -----	25

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

AD- Anno Domini (nossa era)

APUD- Citado por

DAA- Departamento de Arqueologia e Antropologia

IFI- Idade de Ferro Inferior

IFS- Idade de Ferro Superior

IPS- Idade da Pedra Superior

MAE- Ministério da Administração Estatal

MAM- Missão Antropológica de Moçambique

PCA- Primeiras Comunidades Agrícolas

SAREC- Agência Sueca para a Cooperação Científica

SIDA- Swedish International Development Agency

UEM- Universidade Eduardo Mondlane

RESUMO

O presente trabalho, com o título: Processo de Assentamento do Delta do Zambeze na Estação Arqueológica de Lumbi: Estudo de Uso e Renovação de Recursos, tem como

objectivo estudar a contribuição das zonagens ecológicas tendo como base a cerâmica das tradições Matola e Gokomere-Ziwa proveniente das estações arqueológicas da Matola, Malessane, Mavita, Hola-Hola e especialmente a estação de Lumbi, uma vez que a cerâmica encontrada nesta estação é pertencente as duas tradições acima citadas. Por sua vez, estas duas tradições são pertencentes ao I milénio e serão aqui descritos os grandes movimentos migratórios que tiveram lugar na Idade do Ferro Inferior, concretamente, no primeiro milénio AD.

A fixação das primeiras comunidades de agricultores e pastores, foi condicionada pela existência de recursos hídricos, florestais, faunísticos e matéria-prima para o fabrico de artefactos, elementos considerados essenciais para determinar a base da economia e da cultura material das referidas comunidades. Para além dos recursos acima citados, a comparação dos níveis de pluviosidades das estações arqueológicas, os relevos podem nos levar as mesmas conclusões, visto que estes elementos são importantes para a prática da agricultura e da pastorícia.

PALAVRAS - CHAVE: Tradição Matola. Tradição Gokomere-Ziwa. Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores. Estação arqueológica de Lumbi.

CAPÍTULO I- INTRODUÇÃO

Os modelos de ocupação e exploração do meio natural foram-se alterando ao longo do tempo, condicionados, muitas das vezes, pelo desenvolvimento do comportamento humano, que por sua vez, terá sido impulsionado pelo exercício de actividades indispensáveis à sobrevivência, escassez de recursos, e das condições naturais locais (Madime 2015: 8).

Com o esgotamento de alguns recursos, o homem viu a necessidade de fixar-se num espaço e produzir os seus próprios alimentos, desta forma domesticou animais e plantas. Este novo estilo de vida exigia a ocupação de locais propícios para habitação com recursos hídricos, faunísticos e florestais para suprimir todas as suas necessidades. Com as novas exigências o homem aperfeiçoou os seus instrumentos de produção e utensílios usados no quotidiano. A fixação nestes espaços permitiu a formação de estações arqueológicas, que hoje são alvo de estudos por parte de diversos pesquisadores.

É neste contexto, que o presente trabalho insere-se nos estudos sobre as Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique relacionado com o Processo de Assentamento do Delta do Zambeze, mais precisamente na estação arqueológica de Lumbi. O trabalho tem como enfoque estudar a contribuição das zonagens ecológicas no uso e renovação dos recursos na estação arqueológica de Lumbi.

Para a efectivação do objectivo proposto neste trabalho, recorreu-se a análise comparativa da coleção de cerâmica encontrada nas estações arqueológicas de Lumbi, Matola e Hola-Hola. Estas estações arqueológicas foram associadas as Comunidades de Agricultores e Pastores do I Milénio AD. Entretanto, para um melhor enquadramento do tema em estudo são descritas as tradições cerâmicas da Matola e Gokomere-Ziwa respectivamente. Por outro lado, é feita a caracterização de algumas estações arqueológicas datadas do I Milénio AD, nomeadamente: Matola, Malessane, Hola Hola e Mavita, onde foram identificadas as tradições acima mencionadas.

O trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos:

- No primeiro capítulo são apresentados os itens introdutórios do trabalho: introdução, objecto de estudo, problematização, objectivos, justificativa, hipóteses, metodologia de trabalho e o quadro teórico conceptual.
- O segundo capítulo é concernente à revisão da literatura, a qual se centra na descrição dos estudos anteriores que se debruçam sobre a temática relacionada com as Primeiras

Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique, com particular destaque para os trabalhos efectuados no Delta do Zambeze, mais concretamente na estação arqueológica de Lumbi e em algumas estações arqueológicas onde foram identificadas as tradições cerâmicas da Matola e Gokomere-Ziwa.

- O terceiro capítulo descreve o debate sobre o processo de migração e fixação dos povos falantes de línguas Bantu na África Austral.
- No quarto capítulo procede-se a caracterização geográfica da área onde se encontra inserida a estação arqueológica de Lumbi, no concernente a sua localização, condições geomorfológicas e vegetação.
- No quinto capítulo é efectuada a descrição de algumas tradições cerâmicas do I milénio A.D., visando estabelecer as relações existentes entre a cerâmica da tradição Matola e a tradição Gokomere-ziwa, tendo como enfoque as estações arqueológicas da Matola, Malessane, Lumbi, Hola Hola, Mavita e apresenta-se os resultados das análises efectuadas na cerâmica disponível no laboratório do DAA.

1.1. Formulação do problema

Referências disponíveis sobre as sociedades de caçadores e recolectores e comunidades de agricultores e pastores dos países vizinhos da África Austral, mostram que a área do Delta do Zambeze, centro de Moçambique, tem sido pouca estudada em termos de Arqueologia (Madiquida 2015).

Durante o período colonial foram descobertas várias estações arqueológicas ao longo do Vale do Zambeze, mas até a actualidade são insuficientemente investigadas. A estação arqueológica de Lumbi, em particular, é pouco conhecida e por vezes confundida com a estação arqueológica de Lumbo (província de Nampula). Volvidos vários anos após a independência, poucos estudos foram levados a cabo, no sentido de preencher esta lacuna.

Os estudos efectuados anteriormente na estação arqueológica de Lumbi, (ver Madiquida 2015: 125), concluíram que, este local apresenta um grande potencial arqueológico. A partir de um inventário detalhado realizado à superfície, assim como, as análises de fosfato permitiram determinar as áreas geográficas específicas de grande interesse, evidenciadas pela importância do material escavado. A estação arqueológica de Lumbi é de grande significado devido a presença do material típico da Idade da Pedra Superior juntamente com a cerâmica das primeiras comunidades de agricultores e pastores (ibidem).

Entretanto, apesar desses esforços existe a necessidade de se compreender a contribuição das zonagens ecológicas para o uso e a renovação dos recursos na estação arqueológica de Lumbi, a partir da análise da colecção da cerâmica associada as Tradições Matola e Gokomere Ziwa no que a sua decoração diz respeito. Daí que se coloca a seguinte pergunta de partida:

Até que ponto as zonagens ecológicas contribuíram para o processo de assentamento, uso e renovação dos recursos na estação arqueológica de Lumbi?

1.2. Objectivos

1.2.1 Geral

Analisar a colecção da cerâmica associada às tradições Matola e Gokomere - Ziwa, com vista a perceber o processo de assentamento, uso e renovação dos recursos na estação arqueológica de Lumbi consoante ao tipo de zonagens ecológicas.

1.2.2. Específicos

Apresentar a discussão sobre o processo de migração e fixação dos povos falantes de línguas Bantu, segundo teorias de vários autores;

Caracterizar o contexto físico-geográfico da Estação Arqueológica de Lumbi;

Descrever a colecção de cerâmica identificada na estação arqueológica de Lumbi;

Interpretar as tradições Matola e Gokomere - Ziwa patentes na cerâmica recolhida na estação arqueológica de Lumbi;

Estabelecer a homogeneidade da decoração existente na cerâmica da tradição Matola e Gokomere-Ziwa.

1.3. Justificativa

A escolha do tema surge na sequência da minha participação na elaboração de uma síntese referente a tese de doutoramento do Professor Hilário Madiquida, na disciplina de História de Arqueologia em Moçambique. Durante a apresentação e discussão desta síntese, verificou-se que muitos colegas desconheciam a existência de uma Estação Arqueológica designada Lumbi, e que por sua vez, a sua cerâmica é associada a tradição Matola e Gokomere –Ziwa. Por outro lado, a estação arqueológica de Lumbi é confundida com a estação arqueológica de

Lumbo (Nampula). Nesta óptica, julgo ser pertinente o tema sobre o Processo de Assentamento do Delta do Zambeze na Estação Arqueológica de Lumbi: estudo de uso e renovação de recursos, pois irá contribuir para uma maior divulgação e valorização desta estação arqueológica, possibilitando desta forma novos estudos relacionados com a vida da sociedade de caçadores e recolectores até as comunidades de agricultores e pastores.

A escolha deste tema relaciona-se também com dois aspectos principais: por um lado, porque se tratar de uma área geográfica onde, até hoje, muito pouco investimento em arqueologia foi feito, daí resultando um conhecimento deficiente dos variados aspectos relacionados com a ocupação humana, particularmente, durante o primeiro e segundo milénios A.D., por outro, porque, tendo em conta as excelentes condições naturais que a região oferece e o conhecimento genérico que hoje detemos (ainda que em permanente construção) sobre as comunidades agrícolas situadas nas regiões a Sul, a Norte e a Oeste, tudo aponta para uma existência importante e rica malha de povoamento, tanto no interior - incluindo a existência de amuralhados Zimbabué - como no litoral – merecendo destaque as referências antigas a Sofala, enquadrável no contexto das Sociedades agricultores e pastores do 1 e 2 milénios da região central de Moçambique (Felipe 2013: 90).

O vale e o delta do rio Zambeze, apresenta um vasto património cultural arqueológico que necessita de um trabalho de conservação e um programa extensivo de pesquisa multidisciplinar e também estudos das abordagens correntes sobre o uso da terra (Madiquida 2015:168-169).

1.4. Hipóteses

- Como é sabido, os nossos ancestrais habitavam em locais com existência de recursos hídricos, faunísticos e florestais, acredita-se que a região de Lumbi, tal como outras estações arqueológicas como Matola, Malessane, Mavita e Hola-Hola, possuem recursos favoráveis à ocupação humana, o que pode confirmar a prática da agricultura e pastorícia.
- Além dos recursos acima mencionados, as comunidades de agricultores e pastores habitavam em locais com maior concentração de matéria-prima para o fabrico de instrumentos para o uso no seu dia-a-dia (ex. cerâmica).

1.5. Metodologia

Este estudo procedeu-se em três etapas, a primeira das quais consistiu na pesquisa bibliográfica realizada na biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane (DAA-UEM), no Arquivo Histórico de Moçambique, a fim de fazer o levantamento bibliográfico sobre o tema relacionado com a estação arqueológica de Lumbi.

Na segunda etapa efectuaram-se as análises da cerâmica recolhida nas estações da Matola, Hola-Hola e Lumbi existente nos laboratórios 8 e 10 do DAA-UEM. Para o efeito, foram seleccionadas amostras de fragmentos cerâmicos num total de nove. Nesta análise teve-se como critérios de avaliação os seguintes elementos: motivos decorativos da cerâmica, localização da decoração na cerâmica e o seu contexto cultural. A mesma visava perceber as semelhanças da cerâmica das tradições Matola e Gokomere-Ziwa.

A terceira etapa centrou-se na interpretação dos resultados obtidos durante a pesquisa bibliográfica, bem como através da análise laboratorial da cerâmica identificada nas estações arqueológicas da Matola, Hola-Hola e Lumbi. Tendo sido posteriormente efectuada a redacção e a revisão final do trabalho.

1.6. Enquadramento Conceptual

Bantu – É uma designação dada pelo filólogo Alemão, Withelm H.I. Bleek no século XIX AD: Kintu e Bi-ntu=coisa. Mn-nto e bantu= homem ou pessoas. Bantu é, assim, um catálogo linguístico. Crê-se que os povos falantes de línguas Bantu são originários das regiões de Camarões/ Nigéria. A sua dispersão na África Sub-Sahariana é associada, pelos arqueólogos, ao uso generalizado de utensílios de ferro e à origem da agricultura e pastorícia. Esta dispersão deu lugar as correntes de migração Bantu, que suscitaram divergências de abordagem entre os arqueólogos (Macamo 2003:20).

Por sua vez, Meneses (2002: 25) considera Bantu como sendo um termo linguístico que se refere a uma das maiores famílias linguísticas de África. (...). Há muito que se acredita que a distribuição das línguas Bantu sugere uma expansão recente das populações a partir de uma área inicial, cujas evidências linguísticas localizam na zona da actual Nigéria/Camarões. Apesar dos perigos ligados ao facto de se assumir uma correlação entre as reconstruções arqueológicas e linguísticas no passado, vários pré-historiadores tentaram traçar paralelismos entre a dispersão linguística Bantu e as evidências arqueológicas de um rápido aparecimento

do trabalho de metais associado a comunidades de agricultores na zona subsahariana durante os primeiros séculos da nossa era. Nesta imensa região, as primeiras comunidades de agricultores demonstram possuir um estilo próprio de fabrico de cerâmicas, fazendo com que sejam englobadas dentro do complexo da "Idade do Ferro Inferior" (ibidem).

Cerâmica - É o barro depois do aquecimento a uma temperatura superior a 400°C- suficientemente elevada para poder provocar uma alteração química, ou seja, a expulsão da água das moléculas da argila. O barro é misturado com uma quantidade de matéria arenosa chamada têmpera. A têmpera pode ser de pó de areia, pedras, conchas, ou mesmo cacos reduzidos a pó (Macamo 2003: 23; Adamowicz 2003: 15).

Comunidade de Agricultores e Pastores - É uma designação dada pelos arqueólogos na África Austral, em substituição da clássica "Idade do Ferro". Os arqueólogos dividem estas comunidades entre o período inicial (Primeiras Comunidades) e tardio. Estes períodos correspondem ao primeiro e segundo milénio A.D, respectivamente (Macamo 2003: 27). Contudo, alguns arqueólogos, como o Huffman (2007), subdividem essas comunidades em três períodos.

Decoração - Trata-se da modificação da superfície de um objecto de madeira, osso, marfim, cerâmica, etc., através da pintura, raspagem, incisões, etc. (Meneses 2001: 50).

Estação Arqueológica – É um conjunto de circunstâncias arqueológicas, que podem ser definidas como um grupo de artefactos, de um ou mais objectos numa dada área. Nesse caso, a estação pode ser vista de forma pragmática e proveitosa, como o local onde o arqueólogo escolheu para trabalhar ou onde foi levado a cabo um trabalho arqueológico (Hall 1996: 12).

Para Adamowicz (2003: 33) a estação arqueológica é qualquer local onde se encontrem vestígios evidentes de antigas actividades humanas. Podem ser encontradas estações arqueológicas de superfície (geralmente estações situadas a céu-aberto (ao ar livre), ao contrário das que se encontram situadas nas grutas ou abrigos rochosos. Caracterizam-se pela distribuição superficial do material ou com estratigrafia (disposição do material por horizontes arqueológicos distintos). As estações situam-se a céu-aberto, em grutas ou abrigos rochosos ou ainda em águas de mares, lagos, etc. (estações submarinhas) (ibidem).

Olaria é um termo mais especializado, sob a rubrica de cerâmica, e refere-se a recipientes para preparação, o consumo, e armazenamento de alimentos e líquido, ou para a

armazenagem de outros objectos ou materiais não consumíveis (Balme e Paterson 2006: 237 *apud* Madime 2015: 12)

Macamo (2003: 56) considera a olaria como sendo um termo genérico utilizado para designar vasos de cerâmica, constituindo o principal critério para definir as culturas ou tradições arqueológicas do Neolítico ou das Primeiras Comunidades Agropecuárias da África Austral.

Tradição - Um *continuum* de mudanças culturais graduais através do tempo, representando o desenvolvimento sequencial de uma dada cultura. O termo provém do latim “traditione”, sendo aqui entendido como hábito, transmitido de pais para filhos. Neste caso, hábitos de manufactura e decoração de utensílios, evidentes em achados arqueológicos. Estes hábitos são especialmente evidentes na forma e decoração dos recipientes de olaria, que permitem a identificação dessas tradições, sua distribuição no espaço e no tempo (Macamo 2003: 65; Adamowicz 2003: 68).

Tradição Gokomere/- Ziwa - Tradição de olaria da Idade do Ferro Inferior localizada no planalto central onde actualmente se situa o Zimbabwe, e que se estende para Moçambique até perto da costa (ex.: Hola-Hola perto da costa) (Meneses 2002:183).

Tradição Matola – caracteriza-se por uma olaria decorada com estampa, linhas de incisão, chanfraduras e caneluras que ocorre desde a zona Oriental de África à África do Sul. Tim Maggs designou por Tradição Matola, por considerar que as estações de Moçambique possuem similaridades com as de Natal e Transval (Morais 1988).

CAPÍTULO II- REVISÃO DA LITERATURA

As pesquisas arqueológicas em Moçambique podem ser divididas em dois períodos principais a destacar: Período colonial e Período pós-colonial.

2. Período colonial

Os trabalhos de investigação arqueológica em Moçambique iniciaram durante o período colonial no âmbito do projecto Missão Antropológica de Moçambique (MAM). O projecto de pesquisa da MAM decorreu de 1936-1956 e foi liderado pelo antropólogo português Santos Júnior. Na sua essência, a MAM visava, obter um conhecimento “científico” das então províncias ultramarinas que não se confundia com a memória ou tradição oral das suas populações (Rodrigues 1998: 257-269). O referido projecto de pesquisa foi dividida em seis campanhas.

Durante as seis campanhas da Missão Antropológica de Moçambique foram recolhidos 7728 objectos líticos, 173 fragmentos de cerâmica, também foram descobertas 96 estações arqueológicas associadas à Idade de Ferro (Roque 2002).

A descoberta de uma estação paleolítica na região de Magude, em 1936, pelo engenheiro agrónomo Lerenó Antunes Barradas, deu início a um intenso período de investigação arqueológica no Sul de Moçambique, mais concretamente no então distrito de Lourenço Marques (actual Maputo) (Conde *et al* 2015: 305). Lerenó Barradas dedicou-se, sobretudo, no estudo das indústrias do Quaternário e do Paleolítico, com a colecção de vários artefactos líticos. Com o decorrer do tempo, na década de 1970 foram realizadas investigações arqueológicas em Massingir, no Limpopo (Dias 1974).

No Centro do País, várias pesquisas foram levadas a cabo por diversos estudiosos (Barradas 1960; Oliveira 1964; Perreira 1966; Santos Júnior 1940 entre outros). Foi neste contexto que possibilitou a identificação de diversos vestígios de cerâmica na encosta de Malessane e nas estações arqueológicas do Vale de Zambeze, na província de Tete (Rodrigues 1998: 257-269). Muito antes destes estudos serem realizados, em 1907 o arqueólogo alemão Carl Wiese escavou a caverna de Chifumbazi, na província de Tete (Phillipson 2002; Macamo 2006; Muianga 2013).

2.1. Período pós-colonial

As investigações arqueológicas em Moçambique, tiveram o seu maior enfoque no período pós-colonial. Durante este período houve a necessidade de obter materiais ilustrativos para o sistema de educação que vigorava nas décadas 70 e 80, e pelo intuito de treinar arqueólogos Moçambicanos (Sinclair 1993: 410-413). Neste contexto, em 1975 foi descoberta a estação arqueológica de Mavita por Ricardo Teixeira Duarte e Maria da Luz Duarte, aquando das pesquisas levadas à cabo na província de Manica (Duarte 1979: 57-59; Duarte & Duarte 1998: 75-77), essas pesquisas foram impulsionadas pelo apoio do governo sueco a partir de 1978.

Nos anos 90, a pesquisa arqueológica alcançou novas áreas e muitos locais foram escavados e completamente examinados. Dá-se o caso de locais associados a tradição Zimbábwe designadamente Manyikeni, bem como as ruínas das cidades Swahili na costa norte de Moçambique. Na segunda metade dos anos 90, por sua vez, Solange Macamo, deu prosseguimento com às pesquisa arqueológicas no Vale do Zambeze (Madiquida 2015: 23). Entre os anos 1976 e 1982, foram realizados trabalhos no Sul de Limpopo onde identificou-se importantes estações arqueológicas tais como: Matola, Campus Universitário, Xai-Xai, Chongoene, Bilene, Caimane, Zitundo e Chibuene (Morais 1988).

Os novos dados arqueológicos, juntamente com os dados históricos e informações etnográficas, justificaram a necessidade da realização de pesquisas arqueológicas sistemáticas no Delta do Zambeze, com o intuito de compreender melhor o processo histórico sobre o povoamento desta região. Deste modo, resultou o Projecto de investigação denominado “*The Zambezi Valley: Identities and the handling of space*” financiado pela SIDA / SAREC. Este projecto teve o seu início em 2002 e foi seguido por um outro projecto designado “*The Zambezi Valley and the Indian Coast: Changes in settlement patterns, trade and political power (0–1900 AD.)*” (Madiquida 2015: 13).

Por conseguinte, as escavações em Degue-Mufa forneceram informações valiosas sobre o comércio à longa distância no Vale do Zambeze durante o período da colonização portuguesa, incluindo porcelana chinesa e outros materiais vidrados (Macamo 2006: 161). Uma das componentes importantes da pesquisa arqueológica foi trazida através dos estudos cerâmicos que ajudaram a definir tradições e sequências cronológicas. A identificação das tradições cerâmicas de Moçambique com ligação a uma vasta região da África Austral foi essencial

para a melhor definição das identidades culturais e a sua ligação no espaço, como testemunham, as pesquisas realizadas na estação arqueológica da Matola (Macamo 2009).

As tradições cerâmicas são designadas pelos nomes das mais significativas estações arqueológicas onde foram encontradas as suas evidências, sendo Kwale-Matola, a Tradição costeira de Monapo, Gokomere-Ziwa e Nampula (Duarte 1987: 21-22). O grupo de interior foi conhecido como Gokomere, proveniente do planalto de Zimbabwe e que se estende para Moçambique até perto da costa, exemplo: *Hola-Hola* (Menesses 2002: 183).

A estação arqueológica da Matola, particularmente, estudada por Teresa Cruz e Silva e posteriormente por João Morais, apresenta fragmentos de cerâmica semelhantes com os encontrados na estação arqueológica de Kwale, no Quênia. Este facto leva-nos a considerar que toda a costa Oriental de África partilha a mesma tradição cerâmica (Duarte 1988).

Em 2003, a região do Baixo Zambeze foi alvo de estudos que tinham como objectivo localizar as zonas onde habitaram as primeiras comunidades de agricultores. No prosseguimento deste trabalho foi descoberta a estação arqueológica de Lumbi. O resultado deste trabalho resultou na descoberta de vestígios de cerâmica que foram sujeitos a uma análise comparativa com a cerâmica identificada nas estações arqueológicas de Chinde e Sena. Estas evidências demonstram que, o Vale do Zambeze é uma das áreas de comércio historicamente activa, pelo facto de ter sido um ponto de encontro de diferentes povos, desde os caçadores e recolectores, passando por povos falantes de línguas Bantu que dominaram toda esta região, seguidos pela presença Árabe até a chegada dos europeus (Macamo & Madiquida 2004; Madiquida 2006).

2.2. Trabalhos arqueológicos na estação de Lumbi

A região do baixo Zambeze foi em 2003 alvo de estudos que visavam localizar e identificar locais habitados pelas primeiras comunidades de agricultores. Nesta perspectiva foi descoberta a estação arqueológica de Lumbi, onde foram identificados alguns cacos cerâmicos que são interpretados como pertencentes ao tipo Matola por apresentarem caneluras e linhas de incisão no bordo (Sinclair et all citado por Madiquida 2006).

De acordo com Morais (1988) as datas mais antigas desta tradição são encontradas nas estações do Sul de Moçambique, nomeadamente em Matola, Campus Universitário e Zitundo, onde variam do século I a III A.D.

E para Madiquida (2015: 110), tipologicamente comparada a cerâmica da estação arqueológica de Lumbi se encaixa bem na primeira fase Lumbo e também na primeira e segunda fase do ramo Kwale da classificação de Chami em termos de forma de cerâmica (vasos e taças com gargalo virados para cima) e motivos decorativos (com linha em ziguezague, estampa de pente, pontuações verticais e incisões em negrito ligeiramente oblíquas). A semelhança deste tipo de olaria é visível no norte do país, em Malessane (Gorué), Nkope (sudeste de Malawi) e também Mavita (Manica).

2.3. Escavação

Durante as escavações foram feitas vinte e oito sanjas (2 sanjas de 2x2m, 5 sanjas de 5x5m, 1 sanja de 3x3 m e 20 sanjas de 1x1 m) com cerca de 150 cm de profundidade, onde foram encontrados diferentes níveis de ocupação (Madiquida 2006).

Na primeira sanja, o primeiro horizonte foi encontrado de 0-80 cm de profundidade, onde foram registadas ocorrências de areia escura e uma grande concentração de evidências arqueológicas como cacos de cerâmicas, escórias de ferro, alguns ossos e um pote funerário e não foram encontradas evidências de habitação (Madiquida 2006).

O segundo horizonte nesta sanja tem de 20-30 cm de espessura e ocorrem cacos de cerâmica, alguns ossos, mas sem evidência de escórias de ferro. O terceiro horizonte ocorre aos 100 cm de profundidade e é marcado pela inexistência de cacos de cerâmica e escórias de ferro, mas, notou-se a ocorrência de microlíticos (Madiquida 2006).

Na segunda sanja, o primeiro horizonte de 0-80 cm, foram achadas evidências de cerâmica, escórias de ferro e alguns ossos. Não foram encontradas evidências de habitação. O segundo horizonte que possuía 20-30 cm de espessura apresentava uma fraca concentração de cerâmica e escórias de ferro. No terceiro horizonte (numa profundidade de 100-150 cm) foram encontrados alguns artefactos microlíticos (Madiquida 2006).

Para Madiquida (2015: 85), a estação arqueológica de Lumbi foi identificada como pertencente à Idade da Pedra Superior e Primeiras Comunidades Agrícolas, está localizada no delta do Zambeze e contém grande quantidade e variedade de materiais bem preservados e em contexto primário.



Figura 2.1. Cerâmica da estação arqueológica de Lumbi com diferentes motivos decorativos

CAPÍTULO III. A MIGRAÇÃO E FIXAÇÃO DAS COMUNIDADES FALANTES DE LÍNGUAS BANTU NA ÁFRICA AUSTRAL

3. Breves notas sobre a IFI na África Austral

Durante o período da IFI, a África Austral, foi povoada por comunidades falantes das línguas Bantu que praticavam a agricultura (Phillipson 1976; Fagan 2010). Para Cruz & Silva (1978: 1), as migrações dos povos falantes de línguas Bantu tiveram um papel preponderante na história de África dentro de um contexto mundial. As migrações Bantu foram objecto de diversos estudos com base nos dados fornecidos pela arqueologia, linguística e antropologia.

Phillipson (1976: 65) afirma que, os povos falantes de línguas Bantu foram agricultores e pastores que domesticavam cereais e guardavam o gado, principalmente caprinos, ovinos e bovinos quando as condições climáticas o permitissem. Em algumas áreas trabalhavam o ferro e o bronze, com assentamentos, tradicionalmente, marcados por pequenas vilas com casas feitas de estacas e cobertas com *Dhaka*. Porém, mais tarde, em algumas partes da África Austral, também houve o desenvolvimento dos primeiros Estados, caracterizados pela existência de construções em pedra seca, sem argamassa.

Interessa referir que, numa primeira fase a tecnologia de ferro usada por comunidades de agricultores e pastores era de metalurgia rudimentar. Mais tarde algumas comunidades adoptaram técnicas de fundição de cobre para produzir ornamentos, referentes a fios de uso pessoal. Também produziam cerâmica para o uso quotidiano, viviam em aldeias separadas umas das outras, a uma distância aproximadamente à 5 km e praticavam a troca de produtos localmente (Fagan 2010).

De acordo com Huffman (1982), a cerâmica é usada para a identificação de unidades étnicas da IFI, com o intuito de descrever e perceber os movimentos das comunidades que habitaram na região de África no período do I milénio A.D. De salientar que, a cerâmica também possibilita a percepção do modo de vida das comunidades de agricultores e pastores.

3.1. Correntes Migratórias das Comunidades Falantes de Línguas Bantu

As importantes evidências da IFI na África Austral provém de algumas partes do Sul do planalto do Zimbabwe, vale do Limpopo (Sul de Moçambique) e algures da Zâmbia (Pwiti 1991: 120). O povoamento da África Austral foi efectuado por povos oriundos do Norte, que penetraram nesta região no sentido Norte e Sul, usando três possíveis rotas. Estas rotas são

percebidas como correntes migratórias e explicam a questão da expansão de alguns grupos populacionais pela costa (Tradição Urewe, ramo Kwale-Matola), pelo interior (Tradição Urewe, ramo Nkope e Mwabulando) e a Oeste (Tradição Kapwirimbe, Chondwe e Kalundo) (Huffman 1970; Phillipson 1976).

Huffman (1982) vê três correntes migratórias, designadamente a corrente A, B e C, tendo sugerido a teoria do Sul. Por sua vez, Phillipson (1976) vê duas correntes migratórias, nomeadamente, a corrente Oriental e a corrente Ocidental (Hall 1987 apud Macamo 2006).

As correntes Oriental e Ocidental sugeridas por Phillipson, baseiam-se em dados linguísticos, sugerindo a migração dos povos falantes de línguas Bantu em duas direcções:

a) Corrente Oriental

“Esta corrente aparece primeiro e deriva do grupo Urewe” (Phillipson 1976: 66). O autor afirma também que o primeiro grupo se moveu ao longo do norte do Zambeze, depois das florestas Orientais, onde adquiriu gado e cereais do Sudão Central, entrando nas regiões onde fabricou a olaria Urewe (Phillipson 1976 *apud* Macamo 2009: 30). As línguas Bantu faladas por este grupo foram esquecidas (*ibidem*).

b) Corrente Ocidental

Segundo Phillipson (1976) este é o segundo grupo, é pouco conhecido e só se restringe a região central da Zâmbia. É representada pelas tradições Kapwirimbe, Chondwe e Kalundo. Esta corrente é caracterizada por uma ocupação territorial orientada de Norte para o Oeste, estendendo-se desde o alto Zambeze a sudoeste de Angola (Phillipson 1976).

Huffman (1982) afirma que esta corrente também abrange estações localizadas no Zimbabwe e África do Sul.

Diferentemente de Phillipson, as interpretações feitas por Huffman (1982) basearam-se na análise de cerâmica para definir as respectivas correntes.

a) Corrente A

A corrente A está ligada ao grupo responsável pela olaria da África Oriental e Austral, conhecida como Urewe (ramo Nkope no interior e ramo Kwale da costa, que vai do Quênia, passando pela estação arqueológica da Matola até Silver Leaves, na África do Sul), sendo datada entre os anos 200 e 400 AD (Huffman 1982).

b) Corrente B

O grupo pertencente a esta corrente passou mais cedo no I milénio AD através do Zimbabwe, sendo representado pela olaria Bambata, atravessando para o sul do Limpopo, onde formou um grupo cuja olaria é denominada Tradição Lydenburg, datada entre 400 e 900 AD (Ibidem).

c) Corrente C

Este grupo é caracterizado pela cerâmica da Tradição Gokomere-Ziwa proveniente do Zimbabwe para substituir a cerâmica Bambata no final do Primeiro Milénio AD (Ibidem).

Teoria do Sul

Segundo Huffman (1982), além do simples movimento do Norte para o Sul, o crescimento da população e criação do gado na parte Sul-Oriental é que motivou os sucessores da “Tradição Lydenburg” a moverem-se de volta para o norte onde recolonizaram o Zimbabwe deixando uma olaria designada Tradição Kutama dos Shona, por volta de 900 AD. Mais tarde, outro grupo falante de Sotho-Tswana moveu-se para o Ocidente levando consigo o modelo de fabrico da olaria Moloko e a técnica de edificação das construções em pedra solta, sem argamassa a uni-lá.

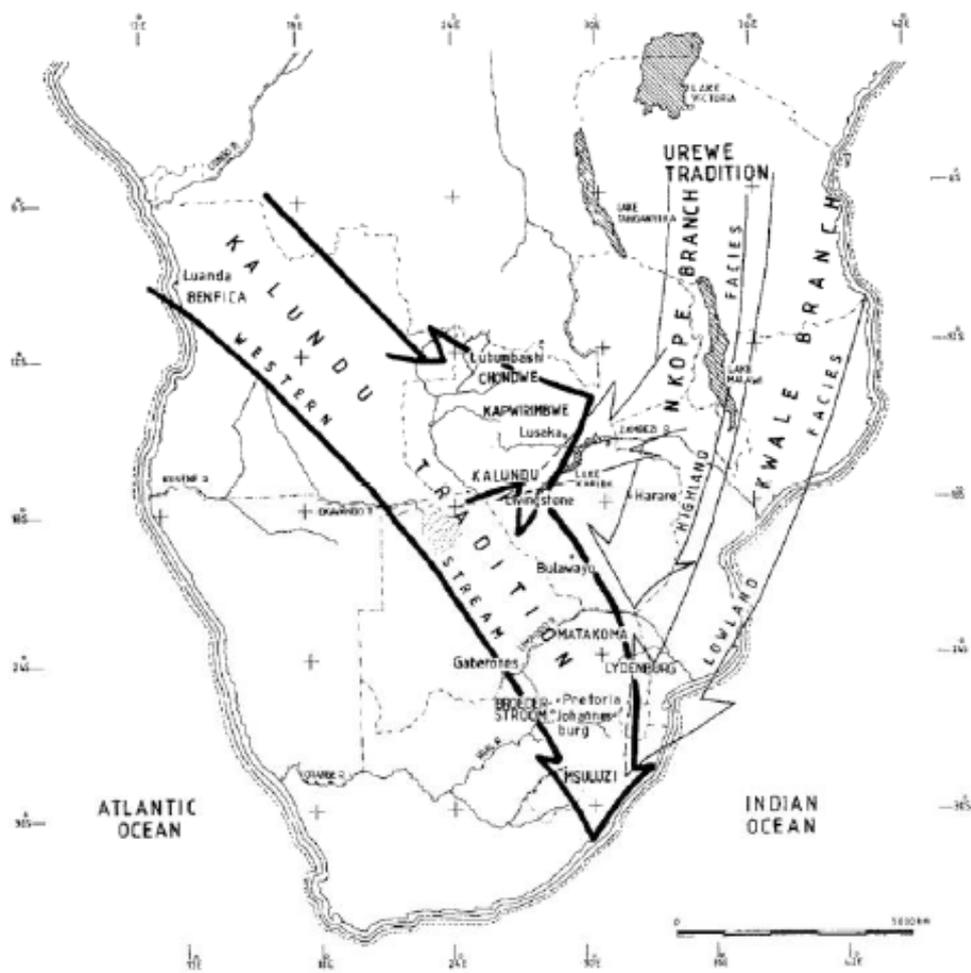


Figure 3.2. Correntes de Migração Bantu na IFI (adaptado de Huffman 1989: 76)

Os resultados dos trabalhos em torno do delta do Zambeze (ver Madiquida 2006, 2015), mostraram que os achados identificados na estação arqueológica de Lumbi, contendo similaridades com a cerâmica Kwale/ Nampula fornecem outros passos na rota do ramo de Kwale para o sul. O segundo passo para o sul poderia ter sido a área em torno da baía de Vilanculos (ver Morais 1988: 73-74), onde alguns fragmentos de olaria da Matola (ver Cruz e Silva 1976) são relatados em Ponta Dundo e na estação de Vilanculos. O último passo da rota acima mencionada foi evidenciado pela presença de cerâmica da tradição Matola na costa sul de Moçambique (ver Senna- Martinez 1976) ligada aos grandes dados já publicados da estação da Matola em torno de Maputo (Senna- Martinez 2013: 12-13).

3.2. Sociedade de Caçadores e Recolectores

Os Caçadores e Recolectores são membros de sociedades de tamanho reduzido e semi-sedentários, cuja subsistência estava baseada no consumo dos produtos obtidos da caça e na colheita de plantas e frutos silvestres (Meneses 2002:31). Para Deacon & Deacon (1999: 6) estas sociedades eram os grandes habitantes do sul da África antes da expansão Bantu. Estes eram designados de Khoisan, dois grupos étnicos (os Khoi Khoi e San).

Segundo Lombard et al (2012), a Idade da Pedra Superior na África Austral remonta cerca de 40.000 a 2 000 anos atrás. Com o passar do tempo a economia de caça e recollecção desapareceu, seguindo-se a introdução da produção de alimentos, apesar de em algumas áreas, terem continuado com o fabrico de micrólitos até alguns séculos atrás (Madiquida 2015: 15).

Tabela 3.1. Periodização da Idade da Pedra (Lombard et al 2012)

Idades	Anos
Idade da Pedra Inferior (IPI)	3.3 Milhões de anos-200.000 anos
Idade da Pedra Média (IPM)	300 000-40.000 Anos
Idade da Pedra Superior (IPS)	40 000-2.000 Anos

3.3. Comunidades de Agricultores e Pastores

O conceito da Idade de Ferro para se referir a cultura material das primeiras comunidades agrícolas na África Austral, foi introduzida por Phillipson (Madiquida 2015). A idade do ferro é conhecida como o período do ferro, no contexto do desenvolvimento tecnológico da idade

dos metais (cobre, bronze e ferro), e é respectivamente caracterizada pela utilização maciça de instrumentos fabricados deste metal, subdividindo-se em Idade do Ferro Inferior e Idade do Ferro Superior. A Idade do Ferro é muitas vezes, definida pelas culturas ou tradições. Para a região da África Austral, vários investigadores preferem o uso do termo Comunidades de Agricultores e Pastores, no lugar da Idade do Ferro (Macamo 2003: 39).

Segundo Adamowicz (2003:), os arqueólogos dividem estas comunidades entre o período inicial (Primeiras comunidades) e tardio. Estes períodos correspondem ao primeiro e segundo milénios A.D., respectivamente.

Tabela 3.2. Periodização da Idade Do Ferro (Macamo 2013)

Anos	Idades
0-900 AD	Idade do Ferro Inferior (IFI)
1000 – 1900 AD	Idade do Ferro Superior (IFS)

Em Moçambique, as primeiras evidências sobre as comunidades agricultoras e pastoras do I milénio A.D. foram encontradas na província de Tete por Carl Wiese, em 1907, na sequência disso, Wiese atribuiu o termo Chifumbaze a uma gruta situada no local do mesmo nome. Por seu turno, Phillipson designou o Complexo Chifumbaze a todo o período da Idade do Ferro Inferior da África Austral e Oriental (Macamo 2003: 26-27). O complexo Chifumbaze datado do I milénio AD, apresenta a cerâmica do ramo Kwale derivada da cerâmica da tradição Urewe que se expandiu a partir da região dos Grandes Lagos para o Sul da África (Phillipson 2002; Muianga 2013).

CAPÍTULO IV. CARACTERIZAÇÃO DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE LUMBI

4. Localização Geográfica

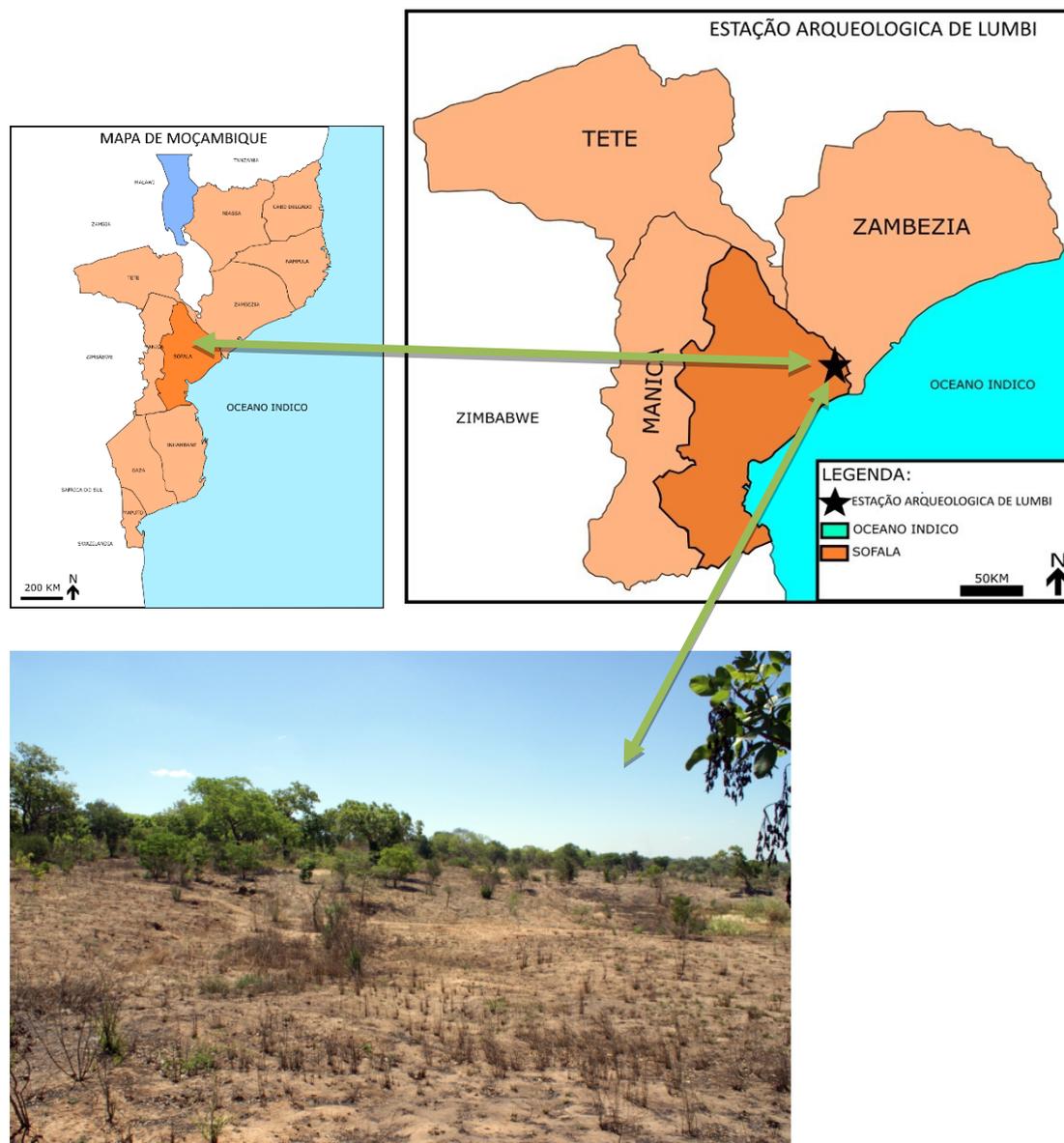


Figure 4.1. Localização geográfica da estação arqueológica de Lumbe (Madiquida 2015: 91)

A estação arqueológica de Lumbi localiza-se no distrito de Marromeu, província de Sofala, na margem direita do rio Zambeze com as seguintes coordenadas: 18°07'33.6"S; 35°41'46.1"E (Madiquida 2006).

O distrito de Marromeu está localizado a nordeste da Província de Sofala, limitado a Nordeste com o distrito de Chinde (província de Zambézia), a leste com o distrito de Mopeia (província de Zambézia), a Noroeste com distrito de Caia, a Oeste com distrito de Cheringoma e a Sul o Oceano Índico (MAE 2014).

4.1. Caracterização Geomorfológica

A estação arqueológica de Lumbi está posicionada em um pequeno terraço nas margens do sul do Delta do rio Zambeze, em uma área de floresta de savana grossa com muitas espécies diferentes de fauna e plantas, que fornece continuamente matéria-prima para a construção, e medicamentos, bem como fornece terra fértil para a agricultura (Madiquida 2015: 86).

O nome Lumbi designa um pequeno rio que, passa a 300 metros de distância, e uma lagoa localizada a 225 metros do sítio. O mesmo cobre uma área de 50 hectares com uma dimensão de 2 km de comprimento no sentido norte-sul ao longo do declive da direita, ou seja, na margem sul do Rio Zambeze e a 1 km de largura, de leste a oeste (Ibidem).

Segundo Madiquida (2015), a área em estudo situa-se numa região quaternária, onde todas as camadas são de origem sedimentar e de formações actuais com as seguintes características:

- Areias aluviais-arenosas-siliciosas com as pequenas fracções argilosas, vermelho amarelado

Solos de cor clara e permeáveis;

- Solos aluviais argilosos e arenosos;
- Abaixo da unidade anterior, um solo mais rico em minerais argilosos e óxido de ferro, resultando em coloração e o solo carregam características do estrato gramíneo denso.

4.2. Vegetação

A estação de Lumbi é caracterizada por uma vegetação que inclui a floresta seca e baixa com lagoas, a mata de miombo com graminal inundado, a floresta de pântano ribeirinha, a savana serrada de acácias, palmeiras, o graminal sazonalmente inundado, o graminal pantanoso

permanentemente inundado, o pântano de papyrus, o caniçado pantanoso, os mangais e matagal (MAE 2014: 3).

CAPÍTULO V. DESCRIÇÃO DE ALGUMAS TRADIÇÕES CERÂMICAS DO I MILÉNIO A.D. (TRADIÇÃO MATOLA E TRADIÇÃO GOKOMERE-ZIWA)

5. Tradição Matola

A cerâmica encontrada na estação arqueológica de Matola, deu-se nome de tradição Matola (Macamo 2011). A mesma é datada do primeiro ao quarto século AD, e é conhecida através de estações localizadas ao longo da costa de Moçambique e arredores. Também se reveste de particular interesse porque representa a primeira expressão conhecida das comunidades de agricultores e pastores na África Austral (Adamowicz 2003).

De acordo com Morais (1988), os primeiros relatos referentes a Tradição Matola, foram feitos por Klapwijk em 1974 e Cruz e Silva em 1976 na Matola, nas proximidades da Cidade da Matola. A tradição cerâmica da Matola foi designada por Tim Maggs (Morais 1988).

5.1. Características da Tradição Matola

A cerâmica da Matola é caracterizada por uma gama restrita de formas, onde o tipo dominante é formado por vasos com gargantas verticais ou invertidas, seguindo por tigelas com contornos angulares e os motivos decorativos da cerâmica desta tradição são linhas simples ou dupla incisão, linhas em bandas oblíquas, entalhadas e chanfraduras (Morais 1988: 94).

5.2. Ocorrências da Tradição Matola

Em Moçambique, a tradição Matola ocorre em estações localizadas no Baixo Limpopo, na região costeira adjacente, em Caimane, Chibuto, Chongoene, Xai-Xai, Bilene, Siaia. A tradição Matola ocorre igualmente em Maputo, nomeadamente nas estações arqueológicas da Matola, Campus Universitário, Caimane, Zitundo e Ponta Momali. Esta tradição pode ser encontrada, ainda, a Norte do rio Limpopo designadamente em Chibuene, no Arquipélago de

Bazaruto, Gorué e no distrito de Marrromeu reportada por Madiquida na Província de Sofala (Macamo 2006: 37).

A Tradição Matola tem sido relacionada com outras estações da região: Kwale-Matola, a partir dos exemplos do Quênia e Tanzânia, assim como também com Sylver Leaves da África do Sul.

5.2.1 Estação arqueológica da Matola

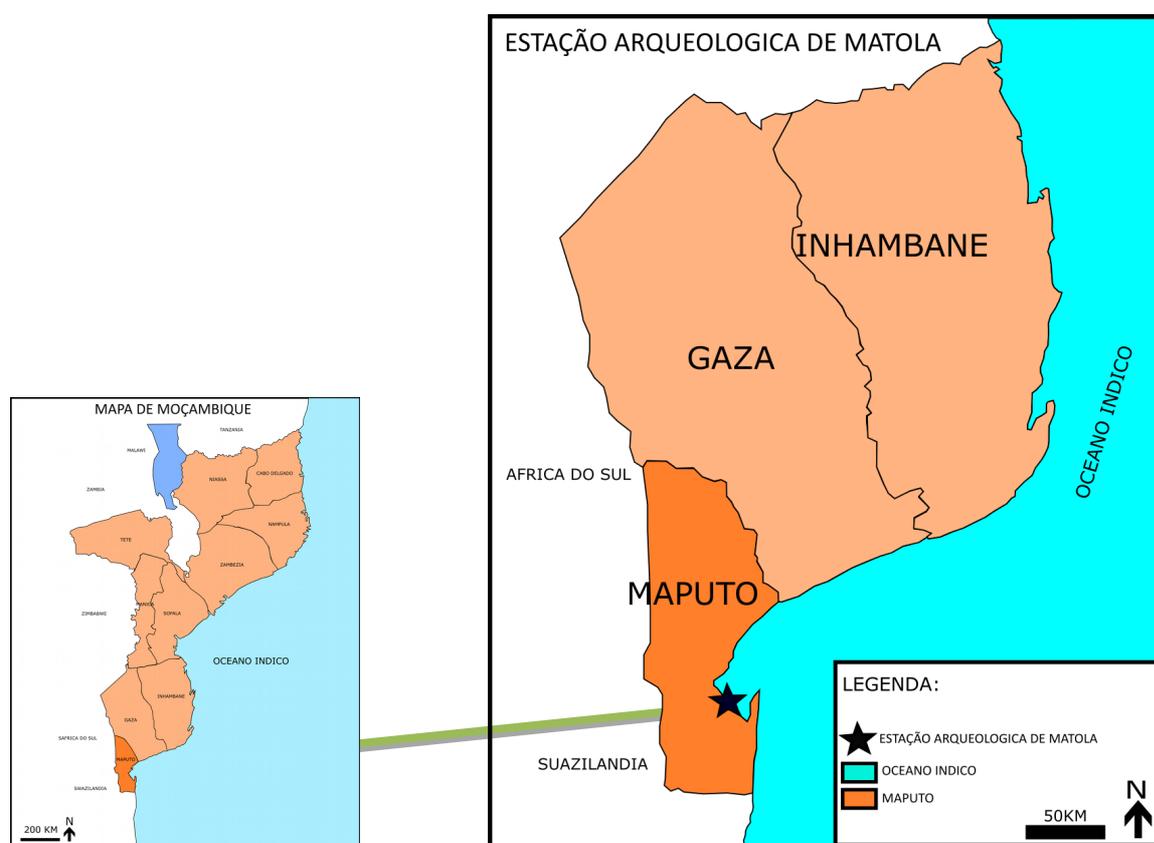


Figure 5.1. Localização geográfica da estação da Matola

Matola é uma estação arqueológica da Idade de Ferro Inicial que se localiza na Cidade da Matola, província de Maputo ao longo da estrada Maputo-Boane na Av. dá Namaacha a 11km da Cidade de Maputo, e tem como coordenadas geográficas 25° 57' 37.1" Sul e 32° 27' 42.1" Este (Morais 1988).

Esta estação foi descoberta em 1968 por Senna Martinez no âmbito da construção da estrada que liga Maputo-Boane, no decurso da realização de operações de Arqueologia de salvaguarda, cuja escavação só viria a ser feita em 1975 (Duarte 1988). Neste âmbito, as

primeiras escavações foram feitas por Teresa Cruz e Silva nos anos 1976, 1980 que incluíam o levantamento da superfície da estação e arredores e escavação de uma área de 25 m², cuja estratigrafia consistia em duas unidades, um horizonte indiferenciado ocorrido entre 15-75cm e o segundo horizonte que situou de 75-85cm que estavam compactados vestígios de assoalho (Morais 1988).

Todavia, através de ambas escavações foram achadas conchas marinhas, 10 000 cacos de olaria, pedaços de escória e ferro fundido, uma pequena quantidade de ossos e sementes carbonizados (Morais 1988). A colecção de olaria da estação da Matola foi descrita por Cruz e Silva (1976), com formas mais comuns de jarros com gargalos verticais ou revertidos, seguidos por tigelas com contornos angulados, ocorrendo ocasionalmente um motivo de espaço no bojo do recipiente (Macamo 2009).

A importância particular desta estação é notável na representação da primeira dispersão para a costa das comunidades de agricultores do complexo Chifumbazi na África Austral (Macamo 2009).

Ex:



Figure 5.2. Cerâmica da estação arqueológica da Matola

5.2.2. Estação arqueológica de Malessane (Gorué)

A estação arqueológica de Gurué fica no Noroeste da província da Zambézia, próximo da vila do Gurué, nas seguintes coordenadas geográficas: latitude Sul 15° 28' S, longitude 36° 58' E. Esta estação foi descoberta devido a uma significativa quantidade de cerâmica com formas decorativas, após o corte de terreno efectuado aquando da abertura de uma estrada (Rodrigues 2006).

Neste prisma, foram realizados trabalhos de Arqueologia de Salvaguarda que forneceram 129 fragmentos cerâmicos dentre estes 22 (17%) decorados e os lisos contabilizaram um total de 107 (83%), um fragmento de algaraviz, quatro amostras de rochas e carvões (madeira

queimada) (Rodrigues 2006: 425). Regista-se nestes recipientes a presença da técnica decorativa por incisão, e por impressão.

A presença da cerâmica “tradicional” nesta estação é um dado significativo, porque a reconstituição da expansão das comunidades da Idade do Ferro africana se tem baseado no estudo deste tipo de testemunhos. O fabrico e utilização por populações nómadas seria mais limitada, o que permite considerar que, nos inícios da IFI, precisamente, até aos meados do I milénio AD, esta estação esteve ocupada por primeiras comunidades agrícolas e pastoras semi-sedentarizadas e localizadas na área montanhosa e próximo de um curso de água, elemento vital para a sua sobrevivência. Deste modo, a presença da cerâmica documenta, ainda, o aperfeiçoamento na confecção dos alimentos, além de proporcionar o armazenamento e a conservação dos produtos agrícolas (Rodrigues 2006: 443).

A cerâmica desta estação tem relações com a de Kwale, que apresenta também bordos biselados e caneluras no bojo, no âmbito da tradição Urewe e enquadráveis no Complexo Chifumbazi. Tal como se verifica com a cerâmica recolhida na estação de Silver Leaves em Tzaneen, na base da montanha de Drakensberg e em Matola IV no Sul de Moçambique que são consideradas estações importantes da IFI (Ibidem).

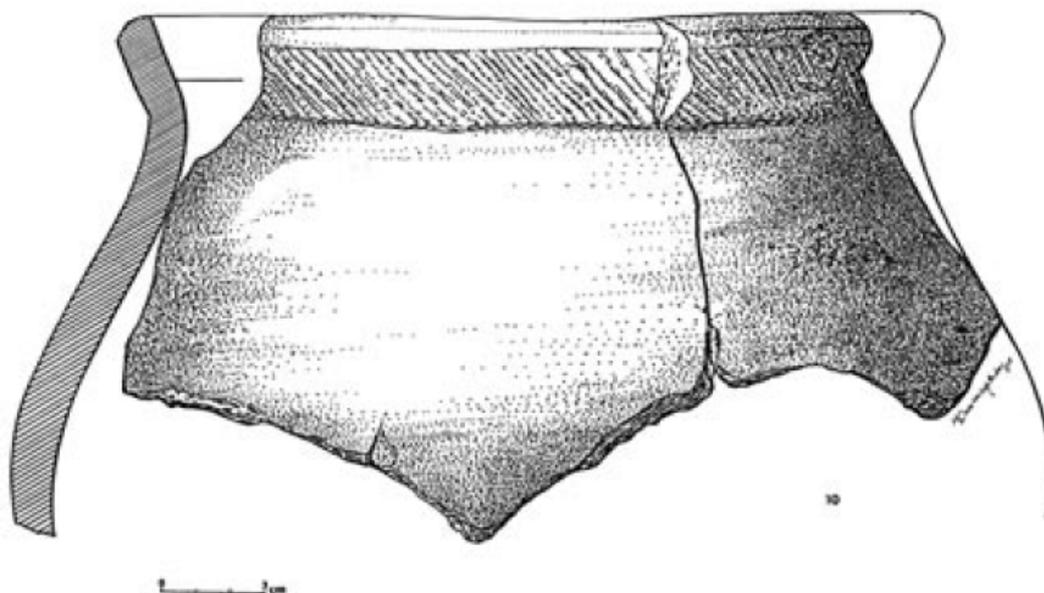


Figure 5.3. Olaria da estação de Malessane com decoração por incisão e impressão (Rodrigues 2006: 427).

O vestígio de madeira carbonizada encontrado, foi submetido a datação usando o Método de Radiocarbono e concluiu-se que a data ronda aos 1740±40 B.P. Deste modo a datação foi calibrada e o resultado conclui uma ocupação mais ou menos por volta de 250 a 400 d.C. (Rodrigues 2006: 444 - 445).

6. Tradição Gokomere-Ziwa

A tradição Gokomere-Ziwa é predominante no I milénio A.D., e os primeiros relatos referentes ao material deste tipo foram publicados pela primeira vez por Maclver em 1906, na estação de Gokomere no Zimbabwe (Vogel 1978).

Esta mesma tradição, é, por sinal, a mais antiga que ocorre no Zimbabwe, onde está mais evidenciado na região de *Victoria Falls*, onde foram feitas escavações arqueológicas e constatada a existência de sequências estratigráficas que, em termos de datas, partiam do século VIII e terminavam perto do século XII A.D. (Vogel 1978).

6.1. Características da cerâmica da Tradição Gokomere-Ziwa

Segundo Vogel (1978: 12-14), a cerâmica da tradição Gokomere Ziwa apresenta as seguintes características: Vasos (esferóide) e Tigelas (elipsóide) com bordo espesso decorados de estampas de pente e de conchas, com motivos em espinha de peixe, incisões diagonais e pinceladas.

6.2. Ocorrências da Tradição Gokomere-Ziwa

Esta tradição cerâmica encontra-se localizada na bacia do Zambeze, na estação arqueológica de Lumbi, em dupla ocorrência com a tradição Matola (Madiquida 2006). É encontrada ainda nas estações arqueológicas de Chibuene, Ponta Dundo I, Ponta Dundo II, Duna de Bazaruto, Mavita, Hola Hola.

6.2.1. Estação arqueológica de Mavita

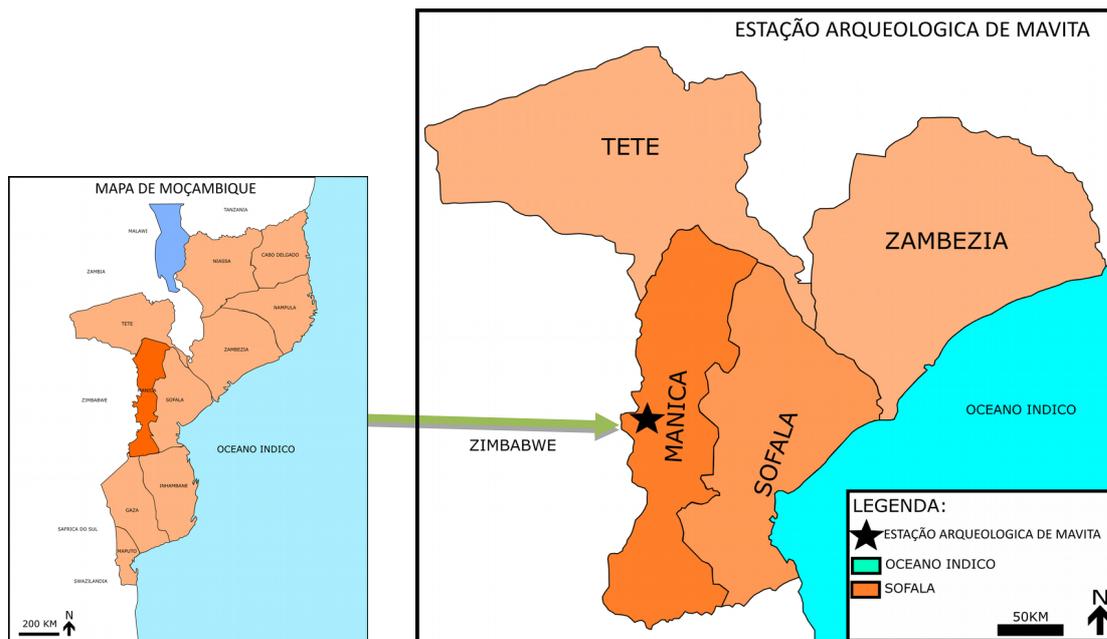


Figure 6.1. Localização geográfica da estação arqueológica de Mavita

A estação arqueológica de Mavita localiza-se na província de Manica, distrito de Sussundega, nas proximidades da cidade de Chimoio, com coordenadas geográficas 19°21'13" S e 33°08'49".75E, esta estação foi descoberta em 1975 por Ricardo Teixeira Duarte e Maria da Luz Teixeira Duarte, a mesma representa os primeiros indícios de extensão para a costa da conhecida tradição Gokomere, que se espalhou pelo planalto interior e constitui grande parte, actual Zimbabwe (Duarte 1988: 62).

Observando a colecção de cerâmica recolhida em Mavita, João Morais concluiu que a mesma partilha similaridades com a encontrada em Inhayanga no vizinho Zimbabwe (Morais 1988). A dispersão desta é confirmada pela descoberta da estação arqueológica de Hola-Hola, junto a foz do rio Save, que apresenta óptimas condições para o estudo das aldeias das primeiras comunidades agricultoras, pelas boas condições em que se encontra (Sinclair 1987). Foram encontradas evidências de fundição de ferro, como escória do ferro e cerâmica (Duarte citado por Morais 1988: 52). Para Felipe (s/d), foram encontradas estruturas de dhaka, que por sua vez, estas evidências podem indicar que os assentamentos humanos nesta região, durante o primeiro e segundo milénio AD, poderiam ter sido muito mais acentuados.

6.2.2. Estação arqueológica de Hola-Hola

A estação arqueológica de Hola-Hola localiza-se no sul do distrito de Chibabava, na província de Sofala, na colina da margem norte do Save com as seguintes coordenadas

geográficas: Latitude 21°18'00" S e Longitude 34°18'26" E, com o código 2134Ad1. Esta estação foi descoberta por Paul Sinclair e Teresa Cruz e Silva em 1977, a quando da realização da Arqueologia de Salvaguarda na região central de Moçambique (Sinclair 1987). Segundo Hall & Vogel (1980: 443), afirmam que a estação arqueológica de Hola-Hola foi datada do nono século A.D.

Hola-Hola é uma aldeia ribeirinha no topo de uma colina de onde foram retiradas duzentos e vinte e três cacos decorados. Estes resultados mostram que a cerâmica de Hola-Hola apresenta o mesmo tipo de decoração com a olaria que ocorre em Mavita (estampas de conchas e pente) e no vizinho Zimbabwe (Sinclair 1987; Morais1988).

7. Homogeneidade da Decoração da Cerâmica das Tradições Matola e Gokomere-Ziwa baseando-se nas zonagens ecológicas

Os dados ambientais estudados por Morais (1988) indicam que a Idade de Ferro Inferior sofreu mudanças climáticas que facilitaram a expansão dos povos falantes de línguas Bantu em toda África. Embora os caçadores e recolectores continuassem a viver nesta área na Idade de Ferro Inferior, os arqueólogos consideram que este período é representado por uma ruptura cultural uma vez que se regista o aparecimento de um novo modo de vida e um novo conjunto de crenças.

O estabelecimento das sociedades de caçadores e recolectores no delta do rio Zambeze, originou devido a existência de recursos hídricos, florestais, faunísticos e matéria-prima para o fabrico de artefactos. Estes elementos são considerados essenciais para determinar a base da economia e da cultura material das mesmas sociedades (Madiquida 2015: 17).

As comunidades falantes de línguas Bantu que chegam ao vale, se integraram no local dos caçadores e recolectores (Jonsson 1998:11 apud Macamo 2006). Pwiti (1996) apud Macamo (2006) argumenta a favor de uma continuidade e mudança dos antigos caçadores e recolectores para as comunidades agrícolas, as quais trouxeram novos atributos culturais como o trabalho com ferro, tecnologia agrícola e modo de vida. Os atributos culturais dessas comunidades são mais conhecidos na forma de um conjunto de estilos cerâmicos pertencentes ao primeiro milénio AD encontrados na caverna de Chifumbazi na província de Tete.

Todavia, a questão económica e social da interacção entre as sociedades de caçadores e recolectores e as primeiras comunidades agrícolas (PCA) é insuficientemente investigada na África Austral. Os dados dos países vizinhos relativos a expansão das comunidades de

caçadores e recolectores na área de Lumbi- vindas do Norte, sugerem duas alternativas, a travessia do rio Zambeze ou vindas de oeste ao longo do rio Zambeze. Diversos factores influenciaram na ocupação da região de Lumbi que incluem a presença de recursos, hídricos, faunísticos, florestais e a matéria-prima (Madiquida 2015: 167).

Neste contexto, Morais (1988) sugere que as estações de tradição Matola foram escolhidas com base nas condições climáticas e o relevo localizado em áreas com água, solos condignos propícios a prática agrícola, com certas espécies de árvores (frutos comestíveis) para queima do carvão que conseqüentemente serviria como combustão para a fundição de ferro pois os locais também eram ricos em minérios, com potenciais marinhos em peixes e moluscos.

A estação arqueológica de Lumbi, com a ocupação contínua desde a IPS até às PCA tem um grande potencial para a compressão dos processos de evolução ou transformação entre esses dois tipos de comunidades. Neste contexto, Lumbi representa a fase de consolidação que resultou na amalgamação das comunidades da IPS para o complexo PCA por volta de 110-239 AD. Relativo a introdução da cerâmica das PCA da tradição Matola é provável que este processo tenha ocorrido a partir da expansão das comunidades para o sul ao longo da costa de Oceano Indico e para o sul do rio Zambeze. (...) A presença de vários elementos decorativos e diferentes modelos de produção da cerâmica pode ter sido o resultado da interacção dos diferentes elementos externos resultantes dos contactos, comércio ou trocas diárias entre comunidades locais. Essas comunidades mantinham o contacto com a costa como ilustram as conchas marinhas e o aparecimento da cerâmica estampada com conchas encontrada em contexto arqueológico. Com esses dados, posso inferir que as PCA, cada vez mais ocupavam a costa e quase simultaneamente nas encostas montanhosas e os planaltos do interior (Madiquida 2015: 167-168).

As semelhanças dos níveis de pluviosidade das estações podem ajudar a compreender a fixação das primeiras comunidades agrícolas. A estação arqueológica de Malessane (Gurué) pertence à região montanhosa, com miombo decíduo de alta pluviosidade, por esse facto, registam-se as maiores quedas pluviométricas, com valores acima de 2000 mm por ano. Os solos estão protegidos da erosão pelo revestimento florístico apesar da inclinação dos solos (Rodrigues 2006).

Na estação arqueológica de Lumbi, a maior queda pluviométrica ocorre, sobretudo, no período compreendido entre Dezembro de um ano a Março do ano seguinte, variando

significativamente na quantidade e distribuição, quer durante o ano, quer de ano para ano (MAE 2014: 2). Os níveis de pluviosidade descritos mostram que os recursos disponíveis nas estações arqueológicas foram preponderantes para a fixação das comunidades de agricultores e pastores.

Deste modo, a disponibilidade destes recursos possibilitou a manufatura de diversos artefactos que, segundo Huffman (1982), os artefactos das cerâmicas da IFI provenientes do Este e Sul de África partilham, na sua maioria, motivos e formas semelhantes. Phillipson (1976: 65) afirma “haver uma correlação entre a expansão dos povos falantes de línguas Bantu e a dispersão da cultura da Idade de Ferro Inferior”. A estação de Hola-Hola onde foi encontrada a cerâmica da tradição Gokomere é um exemplo particularmente claro da disposição espacial de um assentamento de comunidades agrícolas do primeiro milénio AD.

As tradições Matola e Gokomere-Ziwa apresentam similaridades em diversos motivos decorativos a saber: a técnica de linhas de incisão e as impressões de conchas que ocorrem nos bordos e ombros das cerâmicas. Apesar destas tradições apresentarem similaridades, sugere-se que não sejam generalizadas porque podem não ocorrer com a mesma frequência. Por exemplo: a cerâmica do tipo Matola que apresenta motivos em impressão de conchas que tem sido encontrada em menor quantidade em estações arqueológicas pertencentes a esta tradição.

Tabela 7.1. Cerâmica da estação arqueológica de Lumbi, disponível no Espólio do Laboratório do DAA/UEM

Cerâmica	Decoração	Localização da decoração	Contexto cultural
----------	-----------	--------------------------	-------------------

 <p>0 10 cm</p>	<p>Incisões com linhas largas oblíquas e horizontais</p>	<p>Bordo</p>	<p>70-80cm</p>
 <p>0 5 cm</p>	<p>Incisões com linha cruzada e linha em ziguezague</p>	<p>Gargalo</p>	<p>Desconhecido</p>
 <p>0 5 cm</p>	<p>Incisões de linhas largas, bordeadas abaixo com linha horizontal</p>	<p>Gargalo</p>	<p>70-80cm</p>

Tabela 7.2. Cerâmica da estação arqueológica de Hola-Hola, disponível no Espólio do Laboratório do DAA/UEM

Cerâmica	Decoração	Localização da decoração	Contexto cultural
----------	-----------	--------------------------	-------------------

	<p>estampa na diagonal, com linhas paralelas na horizontal</p>	<p>Bordo e gargalo</p>	<p>Desconhecido</p>
	<p>Impressões de conchas paralelas</p>	<p>Bordo</p>	<p>Desconhecido</p>
	<p>Estampa com linhas cruzadas e linhas paralelas na horizontal</p>	<p>Bordo e gargalo</p>	<p>Desconhecido</p>

Tabela 7.3. Cerâmica da estação arqueológica de Matola, disponível no Espólio do Laboratório do DAA/UEM

Cerâmica	Decoração	Localização da decoração	Contexto cultural
----------	-----------	--------------------------	-------------------

 <p>0 12cm</p>	<p>Uma linha de incisão paralela na horizontal</p>	<p>Bordo Pescoço</p>	<p>75-85cm</p>
 <p>0 6 cm</p>	<p>Impressões de conchas paralelas</p>	<p>Bordo</p>	<p>75-85cm</p>
 <p>0 10 cm</p>	<p>Múltiplas Impressões de conchas paralelas e uma linha na horizontal</p>	<p>Gargalo</p>	<p>75-85cm</p>

CONCLUSÃO

Depois da elaboração do presente trabalho, constatou-se que durante a Idade de Ferro Inferior registou-se mudanças climáticas que facilitaram a expansão populacional de toda a África, este período é representado por uma ruptura cultural uma vez que um novo modo de vida e um novo conjunto de crenças aparece (Morais 1988). Durante este período a África Austral foi povoada pelas comunidades falantes de língua Bantu, usando três possíveis rotas,

percebidas como correntes migratórias que explicam a expansão de alguns grupos pela costa (Ramo Kwale-Matola), pelo interior (Ramo Nkope e Mwabulando) e a Oeste (Ramo Kapwirimbwe, e Chondwe e da Tradição Kalundo) (Huffman 1970; Phillipson 1976).

Tudo indica que o processo de assentamento das comunidades de agricultores e pastores na estação arqueológica de Lumbi e nas outras estações mencionadas nesta monografia, não foi de forma casual. As informações acima descritas mostram que a escolha destes locais foi de forma minuciosa, pois, estas conjugam boas condições para assentamento humano, detêm um enorme potencial agrícola e por sua vez situam-se em zonas com grande diversidade de recursos e onde é possível a prática de outras actividades que permitam a sua subsistência.

A disponibilidade destes recursos, principalmente a matéria-prima, possibilitou a manufactura de diversos artefactos de cerâmica da IFI provenientes da África Oriental e Austral que, segundo Huffman (1982), partilham na sua maioria, motivos decorativos e formas semelhantes. Para o caso das tradições Matola e Gokomere- Ziwa, além de apresentar um acervo diversificado, possui similaridades nos motivos decorativos, especificamente nas linhas de incisão e nas impressões de conchas que ocorrem nos bordos e ombros da cerâmica.

Neste contexto, além da existência de duas tradições arqueológicas, a estação arqueológica de Lumbi tem um grande potencial arqueológico para compreender os processos de transição entre a Idade da Pedra Superior e Primeiras Comunidades Agrícolas. Segundo Madiquida (2015: 168), a presença de vários elementos decorativos e diferentes modelos de produção da cerâmica pode ter sido resultado dos contactos comerciais, ou trocas diárias entre comunidades locais, e as mesmas mantinham contacto com a costa como é visível a existência de conchas marinhas e a cerâmica estampada com conchas encontrada em contexto arqueológico. Contudo, pode-se afirmar que as Primeiras Comunidades Agrícolas, cada vez mais ocupavam a costa e quase simultaneamente nas encostas montanhosas e nas zonas planálticas do interior.

De salientar que, a introdução da cerâmica das primeiras comunidades agrícolas na estação arqueológica de Lumbi, provavelmente tenha ocorrido a partir da expansão das comunidades para o sul ao longo da costa do Oceano Índico e para o sul do rio Zambeze. Apesar desta estação apresentar um grande potencial arqueológico, poucos estudos foram levados a cabo, por essa razão sugere-se mais pesquisas em torno desta, para uma melhor compreensão do passado, bem como contribuir para a identidade cultural das diversas comunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

Adamowicz, L. 2003. Geografia do Patrimônio Cultural de Moçambique.

(http://jorgejairoce.blogspot.com/2012/09/geografia-do-patrimonio-cultural-de_20.html).20
de Setembro de 2012

Conde, P.; Martins, A.C & Senna Martínez, J.C. 2015. Arqueologia em contexto colonial. Moçambique e Angola: entre a indiferença e a internacionalização. Universidade de Aveiro. 301-310.

Cruz & Silva, T. 1978. *O sul de Moçambique e o povoamento da África sul oriental na Idade do Ferro Inferior. Algumas considerações*. Maputo: UEM- CEA.

Deacon, H.J. & Deacon, J. 1999. *Human Beginning in South Africa: Uncovering the Secrets of the Stone Age*. Cape Town: Altamira Press.

Duarte, R.T. 1976. Three Iron Age sites in Massingir area, Gaza Province, Mozambique, and their importance in the southern Mozambique Bantu settlement. In: Morais, J., Cruz e Silva, T., Martinez, J. C. S. & R. T. Duarte (eds) *Iron Age research in Mozambique: collected preliminary reports* 5, 21. Maputo: Eduardo Mondlane University.

Duarte, R.T. 1988. *A expansão Bantu e o povoamento do sul de Moçambique, algumas hipóteses*. Maputo: DAA/UEM.

Fagan, M. B. 2010. "As bacias do Zambeze e do Limpopo, entre 1100 e 1500". In. Niane, D.T. (editor). *História Geral da África-IV: África do século XII ao XVI*. 2ªed. Brasília: UNESCO, 591-621.

Felipe, V. 2013. "As sociedades camponesas do primeiro e segundo milénios na região central de Moçambique: Apontamentos de Arqueologia e Património". *ResearchGate* 9: 1-95.

Felipe, V. 2012. "The early and late farming communities of central Mozambique: The coastline and the Revué and low Buzi river valleys". *ResearchGate*: 1-14.

Hall, M. 1996. *African Archaeology*. London: David Phillip Publishers.

Huffman, T.1982. Archaeology and Ethnohistory of the African Iron Age. *Annual Review of Anthropology* 11, 133-150.

Huffman T. N. 1970. The Early Iron Age and the spread of the Bantu. *South African Archaeological Bulletin* 25, 3 – 21.

Lombard, M., Wadley, L., Deacon, J., Wurz, S., Parsons, I., Mohapi, M., Swart, J., Mitchell, P. 2012. South African and Lesotho Stone Age sequence updates (I). *South African Archaeological Bulletin* 67, 120 – 144.

Macamo, S. 2003. Dicionário de Arqueologia e Património Cultural de Moçambique (trabalho não publicado). Maputo: Ministério da Cultura.

Macamo S. L. 2005. O que é a Migração Bantu? (Texto não publicado na posse da autora).

Macamo S. L. 2006. *Privileged Places in South Central Mozambique, the Archaeology of Manyikeni, Niamara, Songo and Degue-Mufa*. Uppsala. Uppsala University.

Macamo, S. 2009. Manual de Pré-História (trabalho não publicado). Maputo: UEM, Departamento de História.

Madime, O. 2015. *Sofala na rota do comércio internacional: Uma reflexão a partir das análises técnico-morfológicas das cerâmicas*. Tese de Mestrado. Faro. Universidade do Algarve.

Madiquida, H. 2006. The Iron Age communities in the Zambezi river basin: excavations in Mozambique.

(<http://cohesion.rice.edu/CentersAndInst/SAFA/emplibrary/Madiquida,H.SAFA2006.Pdf>).

20-de Maio de 2020.

Madiquida, H. 2015. *Archaeological and Historical Reconstructions of the Foraging and Farming Communities of the Lower Zambezi: From the mid-Holocene to the second Millennium AD*. Tese de Doutoramento. Studies in Global Archaeology 21. Uppsala: University of Uppsala.

Ministério da Administração Estatal. 2014. Perfil do Distrito de Marromeu: Província de Sofala. Maputo.

Meneses, M. P. G. 2002. Glossário de alguns conceitos e termos utilizados em arqueologia (trabalho não publicado na posse da autora).

Morais, J. M. 1988. *The Early Farming Communities of Southern Mozambique* (Studies in African Archaeology 3). Maputo: Eduardo Mondlane University Mozambique. Stockholm: Central Board of National Antiquities.

Muianga, D. 2013. *Rock Art and Ancient Material Culture of Cahora Bassa Dam, Tete Province, Mozambique*. Unpublished MA Thesis. Johannesburg: University of the Witwatersrand.

- Phillipson, D. 1976. Archaeology and Bantu linguistics. *World Archaeology*. 8 (1), 65-82.
- Phillipson, D W. 2002. *African Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pwiti, G. 1991. Trade and economies in Southern Africa: the Archaeological evidence. *Zambézia* 18 (2), 119-129.
- Rodrigues, M.C. 1998-1999.” Os primórdios da Investigação Arqueológica em Moçambique e o prof. Santos Júnior”. *Nova Série XIX-XX*: 265-278.
- Rodrigues, M.C. 2006. O primeiro sítio com vestígios de utilização do ferro e cerâmica "Tradicional" da Early Iron Age Localizado em Moçambique província da Zambézia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9 (2), 415 – 449.
- Roque, A.C. 2002. Espólio da Missão Antropológica de Moçambique. Parte I- Apresentação do espólio e inventário dos materiais arqueológicos do espólio. *Leba-Estudos de Pré-Historia e Arqueologia* 8.
- Sinclair, P. J.J. 1987. Norte de Moçambique. Um reconhecimento arqueológico do Norte de Moçambique. *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia*. 3, 23–33.
- Vogel, J. 1978. The Gokomere Tradition. *The African Archaeology Bulletin* (33), 12–17.

ANEXOS

Motivos decorativos das tradições cerâmicas

Tabela 1: Motivos decorativos da Tradição Gokomere-Ziwa (Vogel 1978)

	Incisões únicas na diagonal
	Espinha de peixe
	Impressões de conchas
Sem Ilustração	Impressões de pente

Tabela 2: Motivos decorativos da Tradição Matola (Morais 1988)

Linhas de incisão	
	Únicas na diagonal
	Paralelas na horizontal
	Múltiplas na diagonal
	Pontuações
	Impressões de conchas